

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

LUIZ CARLOS BRUM
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Campanha de Hanseníase em Belmonte e Barrolândia - Projeto Decit (IOC/COC) – Cluster nº 4

Entrevistado – Luiz Carlos Brum (R)

Entrevistadores – Laurinda Roa Maciel (E) e Maria Leide W. de Oliveira (E2)

Data – 31/07/2010

Local – Belmonte/BA

Duração – 1h

Responsável pela transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Responsável pela conferência de fidelidade – Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

BRUM, Luiz Carlos. *Luiz Carlos Brum. Entrevista de história oral concedida ao projeto Campanha de Hanseníase em Belmonte e Barrolândia - Projeto Decit (IOC/COC) – Cluster nº 4*, 2010. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 38p.

Data: 31/07/2010

Fita 1

R: De 2004 para cá que passou ser mais relevante quando...

E: A gente está... Nós estamos aqui em Belmonte. Hoje é dia 31/07/2009¹. Estamos eu Laurinda Maciel e Maria Leide entrevistando um grande médico daqui da região de Belmonte...

R: Que isso!

E: O desbravador (risos), Luiz...

R: É verdade.

E2: É o médico mais antigo da região e de atuação.

E: É, o mais antigo que está nessa região e que ainda está atuando, está trabalhando. Como é que o seu nome todo, aonde foi que você nasceu, quando, como é que você veio parar aqui... enfim, fique à vontade.

R: Como eu vim parar aqui é tão engraçado.

E2: Não precisa entrar os detalhes, mas o mais importante...

R: Meu nome é Luiz Carlos Brum de Paula, eu sou de Aimorés Minas, Minas Gerais, do Leste de Minas. Vim para aqui por acaso. (risos) Não foi uma coisa premeditada não. Eu vim em Porto Seguro e depois eu vim passear em Belmonte, gostei e fiquei. Isso foi em 81. Dia 9 de novembro de 81 eu mudei para cá.

E2: Casou aqui?

R: Não, casei em Minas [Gerais].

E2: Mas seus filhos nasceram aqui.

E2: Uma, a mais nova, o mais velho nasceu em Aimorés também.

R: A mais nova que nasceu aqui, nasceu lá na clínica. Nasceu na minha clínica.

R: Luis, você nunca trabalhou no sistema público, mas como você disse, quando você chegou não tinha propriamente um setor público, e você trabalhou no setor público porque o que tinha de público era o Funrural...

R: É. Só que era fragmentado, não é?

E2: Só que era a opção então era público.

R: Era fragmentado porque tinha a prefeitura de um lado, a Santa Casa e o Funrural, que eram os mantenedores da saúde mais o privado que eram os fazendeiros, que tinha o sindicato patronal que atendida o Funrural, que era o ambulatório... O Funrural tinha um convênio com a Santa Casa para a parte da obstetrícia e a prefeitura mantenedora do hospital geral. E eu

¹ Embora a entrevistadora tenha dito a data de 31/07/2009, na verdade a entrevista se deu em 31/07/2010.

trabalhei cinco meses só com eles; depois eu montei meu próprio serviço de medicina que está até hoje. Então eu fiz muito tempo no serviço público.

E2: E todos esses anos o que chegou até você como profissional de saúde do município com relação a alguma política de controle da hanseníase? Você ficou sabendo que aqui tinha hanseníase, lepra, ou em Barrolândia, quer dizer, chegou até você? Que experiência você teve com essa doença nesses 30 anos de medicina aqui? Mesmo você sendo cirurgião, mas você também é um clínico, então o que chegou até você das políticas de controle de hanseníase aqui no município?

R: Olha, até 1990, eu acho que a gente não tinha ainda tanto conhecimento de que aqui era uma área endêmica, não é? Tinha muito pouco caso que a gente soubesse; tinha mais tuberculose. Tuberculose sempre teve muito, bastante, inclusive dentro Belmonte, aqui sempre teve muito tuberculose. Agora hanseníase em Belmonte tinha pouco. Surgiu esse foco em Barrolândia, mas eu não me lembro perfeitamente, mas a partir de 1990, mas veio mesmo à tona depois da implantação da Veracel, no ano 2004 em diante quando foi que veio o médico, inclusive a primeira vez que contrataram uma...

E2: A doutora Silvana.

R: A doutora Silvana.

E2: Só que essa doutora Silvana eu vi aqui, pela Veracel, que eu vim pela Veracel em 2003.

R: É que a Veracel contratou a Silvana.

E2: É, eu vim pela Veracel.

R: Porque antes da Silvana eu acho que ninguém nem...

E: A Silvana que ainda hoje trabalha lá em Barrolândia. É essa mesma Silvana ou não?

R: Não, não.

E: Não. É outra?

E2: A Silvana é o seguinte: nós viemos aqui em 2003, fizemos a campanha, aí vimos que realmente tinha muitos casos, aí fizemos relatório para a Veracel e a Veracel contratou essa médica dermatologista Silvana que morava em Porto Seguro. Eu vim aqui...

R: É do Rio [de Janeiro] ela.

E: É. E vinha atender em Barrolândia, mas lá em Barrolândia já tinha uma equipe do [Programa de] Saúde da Família quando eu cheguei; eles estavam lá recentes, era uma equipe recente.

R: A equipe da família em Barrolândia eu acho que começou em 2002, por aí.

E: É. Já tinha uma equipe lá.

R: Em 2002 eu acho.

E: Eles já estavam lá.

R: A gente sabia que tinha muitos casos, mas não tinha nenhuma política de saúde voltada para saúde pública, mas sempre tinha pingado, não é? Aparecia o paciente...

E2: E nesse período você, por exemplo, já chegou na clínica, mesmo na clínica privada alguém que teve hanseníase, ou que tratou hanseníase? Você nunca teve contato com pacientes de hanseníase...

R: Diversas vezes.

E: Já?

R: Diversas vezes. Diagnóstico primário poucos, (pigarro) mas pacientes...

E2: Você já fez diagnóstico de hanseníase?

R: Primários alguns.

E: Já?

R: Alguns...

E2: Diagnósticos de formas graves, de formas mutilantes, de formas iniciais?

R: Não, já diagnostiquei iniciais, geralmente de formas iniciais.

E2: É?

R: Geralmente iniciais.

E2: Você tem conhecimento sobre hanseníase, básico?

R: Olha, eu estudei hanseníase na faculdade, e para nós inclusive era uma doença bíblica. Eu me lembro do filme Ben-Hur que tinha... Eu era criança, fiquei impressionado com aquilo! Então para nós, quando eu fiz a faculdade eu estudei em higiene, estudei em microbiologia, depois estudei em dermatologia, mas nunca nem tinha visto. Acho que eu vi talvez uma vez na faculdade um caso, o laboratório de dermatologia.

R: Em Minas Gerais tinha leprosário à beça, não é? Engraçado.

E: É. Mas eu estudei no Rio.

E: Ah, você fez faculdade no Rio!

R: Eu fiz no Rio, fiz em Valença no estado do Rio.

E: Certo.

R: Aí nós tínhamos um laboratório de dermatologia que eu frequentava assim... Eu acho que eu vi um ou dois casos naquela época, mas para nós era uma doença assim, que a gente ouvia falar, tipo a dengue, eu nunca tinha visto dengue na minha vida, eu vi dengue de 90 para cá...

E2: Dengue ressurgiu mesmo, não é?

R: Eu não conhecia dengue, quando eu era estudante nunca tinha visto dengue.

E: Mas a dengue ressurgiu, hanseníase sempre teve. Nunca acabou.

R: É. Nunca acabou, mas a gente via um caso ou outro, mas não era uma doença assim que eu tivesse contato...

E: Acho a diferença é que uma é epidêmica e a outra não, endêmica e outra não, não é?

R: Mas como eu parti, no fim do curso eu já parti para a área de cirurgia então eu não fazia muito essa parte, não é? Eu fazia mais a parte de tireóide...

E2: Mas você chegou a suspeitar de hanseníase?

R: Aqui, depois que eu mudei para aqui?

E2: É.

R: Quando eu mudei para aqui no início a gente via muito pouco, era um ou outro.

E2: Mas você chegou a suspeitar de casos.

R: De alguns casos?

E2: E confirmar.

R: Em alguns casos o paciente mesmo de confirmar o caso.

E2: Certo. Precariamente, não já diagnosticado, não é? Mas mesmo diagnosticado, paciente tratado fica apresentando outros sintomas e sinais e o paciente achando que era a hanseníase que está voltando. Muitas vezes consulta um médico particular para ele ter certeza, que muitas vezes o paciente fica suspeito do serviço público, não é? Fica: “Será que estão fazendo direito?” Tem essa experiência, do paciente chegar lá para você para saber se ele tem a doença que ele tratou?

R: Já, já. Algumas vezes.

E2: É?

R: Geralmente gente de Barrolândia, já tive passando aqui também. Os dois casos que eu tive...

E2: Chega lá para você que é um médico conceituado, querer saber se você...

R: Eu sou o médico da forma antiga, não é? Aquele médico antigo que faz a medicina realmente na família, que conhece as pessoas da família toda, conhece o histórico, tanto familiar, quanto social e epidemiológico da pessoa. Então, a medicina da forma antiga que hoje está sendo abandonada, estão fazendo esse negócio do PSF, mas o PSF, na verdade, a visão é boa, mas a atuação a meu ver até hoje ela tinha uma atuação muito medíocre porque o sujeito para fazer o PSF teria que ser versado em pediatria, em medicina, em clínica médica, em ginecologia, em psiquiatria, e talvez uma outra coisa aí seria... O que acontece muito, cardiologia por causa da hipertensão que tem uma maior prevalência hoje no Brasil.

E2: Arterial. O endócrino por causa da diabetes...

R: E endocrinologia, mas tem que ser...

E2: Tem que saber doença de pele também que é prevalente...

R: Justamente. Principalmente pediatria e infectologia, não é? Mas o que a gente vê hoje, o médico do PSF é um sujeito que é recém-formado, não fez residência, não tem especialidade, não tem experiência, e procura aquilo como primeiro emprego. Então, você vê: o sujeito trabalha porque ele precisa, não trabalha porque ele tem aquela vontade de ser médico generalista, ser médico do interior. Ele está ali para uma ponte, ele está ali porque ele quer conseguir um dinheiro para fazer a residência para mudar de cidade para fazer alguma... você

não vê o sujeito seguir carreira começando pelo PSF. Então, essa visão do PSF é até interessante como uma visão holística, mas na prática não vejo isso não, viu? Não vejo mesmo.

E2: Nos encaminhamentos que chegam até você.

R: Não se examina o paciente, eles não examinam. Então...

E2: Como aquela história que você...

R: Ontem mesmo eu atendi uma paciente...

E: É só ver os sintomas...

E2: Como aquela história que você contou recentemente.

R: Exemplo, eu vi uma paciente ontem, ela é da Coroa Vermelha, ela é índia da Coroa Vermelha. Ela veio aqui procurou meu consultório: “Ah, doutor eu tenho uma dor aqui nessa região e é rim, e aqui está tudo inchado!” Você olha... Você vê que não tem nada inchado, ela tem uma gordura abdominal. Aí eu falei assim: “Mas aí tem uma gordura abdominal”. O marido levantou a mão: “Não, isso não é gordura não, isso está inchado!” Mas tem quanto tempo isso? “Quanto tempo tem isso?” “Não, começou inchar essa semana” Eu falei: “Pô, não tem gordura que crie numa semana”. “A senhora já foi ao médico?” “Ah, eu fui ao médico, ele me disse que eu estava com problema no rim”. “É o outro?” “Não, o outro disse que eu estou com problema não sei aonde, outro que eu tenho problema não sei aonde... Eu tenho pressão alta também, eu tenho isso, tenho aquilo...” Quando eu fui ver: “A senhora fez algum exame de laboratório para ver se tem algum problema de diabete...?” “Não, nunca fiz não”. “A senhora fez ultrassonografia do ruim para ver se o problema é renal?” “Não”. “Fez radiografia da coluna para ver se tem um problema na coluna?” “Não.” “A senhora fez endoscopia...” Ah, problema digestivo: “Eu passo 15 dias sem defecar, depois me dá uma diarreia”. Pode ser síndrome do cólon do irritado, que é normalmente...

E2: Pode ser alimentação, que não comem bem, farinha...

R: Lógico, a primeira coisa que eu falei foi isso aí...

E2: Erro de alimentação, a primeira coisa.

R: A primeira coisa que eu falei foi isso aí. “E a senhora faz uma colonoscopia, fez alguma...?” Nada. Ou seja, propedêutica nenhuma, anamnese realmente bem feita nenhuma. Eu fiquei com ela uma hora e meia no consultório... uma hora e meia! Então ela trouxe... “Os meus medicamentos que eu uso são esses aqui”. Jogou uma sacola desse tamanho. “Sabe ler?” “Não”.

E: Nossa mãe!

R: Eu peguei todos os remédios, separei, passei uma fita em volta deles, uma fita transparente, pus uma fita branca escrevendo: “Esse é tal, tal”. Separei. Analgésico, ela tinha cinco tipos de analgésico. Tomava ainda remédio para depressão, fluoxetina, tomava um pra síndrome do pânico que é o...

E: Caraca! Ela estava toda ruim, não é? (rindo)

R: O Diazepan 2mg, ainda tomava Captopril, a Hidroclorotiazida, Propranolol... E vários analgésicos, e um remédio para o rim, para infecção. Aí ela: “Ah, o médico me deu isso aqui...” Cefalexina, para o rim. Eu falei: “Bom, a senhora tem que ser orientada pelo mesmo... O médico examinou a senhora todinha assim, assim?” “Não, ele olhou para mim e perguntou: “O que a senhora tem?” “Ah, tenho problema no rim”. Já passava o remédio pro rim. Então o médico hoje ele pergunta: “O que a senhora sente?” “Ah, eu sinto problema no rim”.

E2: Ele trata o sintoma.

R: Manda embora. Ele trata o sintoma, ele não trata...

E2: Não, e trata mal.

R: Direcionado, e direcionado para o que o médico fala.

E2: Pelo que ele acha que seja o sintoma, não é?

R: Isso é ruim, sabe por quê? Porque a nossa profissão caiu muito em descrédito, justamente por causa dessa abordagem de tratar sintoma. Ele não trata mais a doença, ele trata aquilo ali para se livrar porque ele ganha pelo número. Então a medicina é pautada pela quantidade, esqueceram-se da qualidade.

E: É. Eu trabalho eu cima de qualidade, eu trabalho com a medicina completamente diferente. Eu atendo 5 pacientes por dia, 5, 6 estourando 8, de tarde atendo mais 3, ou 4. Não é o máximo, eu não atendo mais que isso.

E2: E você faz cirurgia geral, não?

R: Geral e gineco.

E2: E gineco. Então veja bem, você falou que ouviu falar de políticas de controle da hanseníase só recentemente depois da Veracel.

R: É.

E2: Que antes nunca ouviu falar. E você já ouviu falar alguma coisa de cirurgia de reabilitação de hanseníase?

R: Já. Já. Recentemente eu recebi do Ministério da Saúde uma coleção toda de hanseníase.

E2: Aquele quadradinho, aquela caixinha?

R: Uma caixinha com 5 ou 6 livros.

E: Hum! Conseguiu chegar aqui?

E2: Você viu quem assina embaixo daquela apresentação?

R: Não, não vi não.

E2: Sou eu. (rindo)

R: É você?! É? “É a pessoa que vos fala.” (rindo) Que lindo!

E2: Você recebeu?!

R: Recebi sim.

E: Ah que bom!

R: Chegou aqui.

E: Que coisa boa!

E2: Lá no posto de saúde você encontrou? Está lá?

E: Que bom!

R: Eu recebi.

E2: Olha, mas nem sempre a gente acha, viu? A maioria às vezes eu não acho. Eu vivo reclamando. Isso é para pagar a minha língua que eu tenho falado que eu vou nos lugares e que ninguém recebe o que a gente produziu, que não sei o que...

R: Eu recebi.

E2: Eu trouxe.

R: São 5 volumes.

E: É. Ah legal!

E2: Incrível. Esse aí chegou só para eu parar de falar, porque eu estava falando que não chegava.

R: Eu achei interessante, porque eu nunca tinha ouvido nem falar em cirurgia de reabilitação para isso, para hanseníase. Eu não tenho grande conhecimento sobre isso, porque atualmente como eu me especializei em cardiologia depois de estar aqui. Eu estudei sozinho, fiz a prova de especialista e passei, sem fazer residência. Eu mexia só com cirurgia naquela época, só mexia com cirurgia. Depois me tornei cardiologista no dia que conheci o Enéias. (rindo) Eu fiz amizade com ele só andava atrás dele dia e noite. (rindo)

E2: Ele tinha um curso de eletro...

R: Eletro, eletrocardiograma no Rio, o primeiro curso que ele fez foi em 1990...

E: Com quem?

E2: Enéias fazia um curso de eletro... Aquele famoso... Aquele cara maluco.

R: Enéias Carneiro.

E2: Aquele doido? Ah! “Meu nome é Enéias!” (risos).

R: Meu nome é Enéias!

E2: Mas ele tinha um curso de eletrocardiograma que todo mundo fazia.

R: O primeiro curso que ele deu nacional que ele deu foi em 1986...

E2: Esse curso dele ficou famoso todo mundo fazia.

R: O primeiro curso que ele deu foi em 86 no Copacabana Palace, no (nome). No Copacabana Palace. Eu fiz esse curso e fiz amizade com ele durante o curso. Aí, no fim, eu fiz um discurso lá de meia hora, porque eu falo bem, não é? (risos) Bem e muito, não é? (risos) Eu sei que eu comecei a falar, falar, falar, falar... No fim ele falou assim: “Vem cá, quem é o professor aqui, é você ou eu?” Aí eu fiquei amigo dele.

E2: Mas ele era muito doido, não é?

R: Não, ele era muito inteligente. O problema dele era o seguinte, que ele foi, é um brasileiro acreano que saiu do zero, galgou coisas na vida, estudou na Inglaterra então ele pegou aquele negócio...

E2: Mas não vamos transformar essa entrevista aqui (rindo) no Enéias.

R: Eu vou falar em Marina... (risos)

E2: Não vamos transformar.

R: Ele pegou, depois quando eu conheci ele, ele já estava no auge quando ele montou o primeiro curso. E eu comecei a andar atrás dele; ia para o congresso, em 86 em Belo Horizonte eu fiquei com ele o tempo todo. Em 87 lançou o livro dele, a primeira vez que lançou um livro mesmo, porque antes era uma apostila, em Brasília no Congresso de Cardiologia, foi quando ele me introduziu na Sociedade de Cardiologia, e na minha ficha botou lá: “Notório Saber”. Tascou Notório Saber. Aí eu fui a trás do título, foi quando eu me especializei, comecei a estudar, foi aos congressos, então fiz uma reciclagem, uma prova de especialista e passei.

E2: Mas você abriu então a caixinha então e viu que tinha um volume...

R: Eu li esse negócio aí, achei interessante...

E2: Olha só, porque ele tem uma clínica, ele é cirurgião geral e cardiologista, clínico também... Ele é um generalista, na verdade, cirurgião também. Mas chegou a caixinha e ele viu que tinha conteúdo de cirurgia, que era nem para ter olhado, porque um negócio de hanseníase que vai para um estabelecimento privado. Você leu mesmo?

R: Eu leio. Eu me interessei porque eu nem sabia que existia isso.

E2: Porque eu não sei, quando eu vim...

R: A parte de reabilitação também com fisioterapia.

E2: E também cirurgia. Quando eu vim a Belmonte, quando eu fui a Barrolândia, eu não vi muitas pessoas com deformidades físicas, mas naquela época aqui não tinha ninguém que tratava reação hanseníase, então como não havia nenhum médico credenciado para fazer talidomida, então não tinha talidomida não tinha ninguém fazendo também prednisona, fazia corticóide.

R: Tem muita gente tomando prednisona em Barrolândia hoje.

E2: Até demais parece. (risos) não é?

R: Até de mais. Não, o problema é que a prednisona, ela cria uma certa tolerância e dependência.

E2: Mas naquela época ninguém tratava reação... Ninguém tratava reação.

R: Mas de vez em quando interna aqui no hospital geral.

E2: É?

R: Reação hanseníase.

E2: Você já viu reação hanseníase?

R: Já. Algumas vezes, umas 5, 6 vezes.

E2: Internado no hospital? Muitas vezes é foco de infecção que o cara tem, desencadeia reação, você tem que ver o cara todo, tratar das infecções que ele tem para melhorar a reação. Muitas vezes o paciente com reação as pessoas só vêem reação. Na verdade, tem que ver o paciente clinicamente para tratar as infecções que ele tem, as complicações que ele tem que aí melhora a reação.

R: Eu não tenho experiência com isso.

E2: E a pessoa fica fazendo corticoide, não vê que o cara tem uma sinusite crônica, o cara tem uma infecção urinária crônica, a mulher tem uma infecção ginecológica crônica...

R: Porque cai a resistência também com o uso de corticosteróide.

E2: É porque é aquela coisa... É questão do superantígeno. Você tem uma superexposição de infecções, de estímulos inflamatórias e você tem uma memória de linfócitos com relação à resposta do *Micobacterium leprae*. Então aquela somatória de estímulos, de reação imunológica ela vai lá e faz aquela que predomina, no caso faz a reação hansênica. Então você pode ter um cara com tuberculose...

R: Interessante, eu não sabia disso.

E2: ... Que faz um eritema nodoso, que faz febre. Não foi pela tuberculose, não foi pela hanseníase, mas ele fez uma clínica que lembrava até uma reação hansênica. Se o cara não fizer uma boa anamnese pode até não diagnosticar a tuberculose do indivíduo, não é? Então ele tem que fazer uma avaliação geral.

R: Então você pode ter sobreposição, você pode ter sobreposição de tuberculose com hanseníase.

E2: Não é muito comum.

R: Mas pode ter.

E2: Mas pode ter, pode ter. Geralmente é depois.

R: Agora eu acho que aqui tem muita tuberculose.

E2: Ainda tem tuberculose?

R: Muito, muito. É muito.

E2: Sempre chegou para você mais tuberculose do que hanseníase?

R: Muita tuberculose, muita. Inclusive chega para mim como gripe... “Ah doutor, estou com uma gripe aqui tem duas semanas, não sei o que, o médico diz que não é nada, não sei o que...” Tuberculose. Recentemente tive esse caso desse paciente que ele fez a radiografia e eu vi só o granuloma. Eu falei assim: “Ó, não tem caverna”. “Vamos fazer uma radiografia aqui na minha clínica”. Eu fiz a radiografia. Pá, já tinha a caverna, evoluindo como gripe: “Não, o doutor disse que é gripe”. Também não examina mais, o cara... o tetoscópio é só de enfeite. O cara não examina o paciente. Olha, eu canso de ver assim: “Doutor, posso falar um negócio com o senhor?” “O que é?” “É a primeira vez que eu sou examinado”.

E: Nossa!

E2: Deu atenção.

R: Não, que examinou realmente, que pegou o paciente e examinou todo. Eu começo... Eu sou metódico, começo pelas mucosas, examino o ouvido, o nariz, a garganta, os linfonódulos todos aqui. A coisa antiga.

R: Gente antiga, não é?

E2: 33...

R: Aí eu vou ver o coração, depois examino a válvula, deito, vou no abdômen examino... Eu fui aluno do Antônio Carlos Ismael, examino a parte toda de artéria nas pernas, vejo se tem algum problema vascular de cara... Hoje eu tenho o Doppler Vascular para me auxiliar, não é? É muito mais fácil...

E2: Ele falou que é um médico antigo moderno. Que no consultório dele ele tem todas as máquinas. (risos)

R: Eu gosto dessas coisas para auxiliar. Não é muito, sabe por que? A grande vantagem de antigamente é que a gente aprendia a fazer parto com as parteiras do Rio. Você lembra quando no Rio tinha as parteiras leigas? Na Praça XV mesmo tinha... (falam juntos)

E: É. Ali naquela maternidade da Praça XV.

E2: Ele deu o número de parteiras aqui.

R: E depois do PSF eu já internei paciente ali. Eu trabalhei ali quando eu era estudante. Então naquela época, a gente aprendia a fazer o serviço que as parteiras leigas... Então ela ensinava a gente a ver a posição do neném, onde que estava a placenta, onde estava o pezinho do neném, o joelho, a cabeça, a rotação, apresentação, se a cabeça estava lambdóide ou pragmática, se estava corda e cordão. Então, tudo isso eu aprendi com parteira, não aprendi com médico não.

E2: Deixa eu te falar uma coisa: você é mineiro, Minas é um estado que tem muito preconceito com relação a hanseníase, talvez por conta daqueles hospitais, Santa Isabel, Padre Damião, então as pessoas de Minas, não sei... No leste talvez não, mas por outras áreas de Minas.

R: Deve ser o Oeste, porque...

E2: É. No Leste talvez não, mas próximo daqueles hospitais, grandes hospitais, Betim, Santa Isabel ali, tem muito preconceito. Você já teve muito medo de hanseníase na sua clínica? Como que é a sua...

R: Não, mas eu fiquei em Minas só até os 14 anos, fui para o Rio, então eu não tenho. Então você não tem isso não. (falam juntos). Eu me lembro de um filme, de filme... (risos)

E2: (risos) É o Ben-Hur.

R: A hanseníase para mim é uma doença bíblica. É uma coisa que eu vi no cinema, eu nem nunca tinha visto...

R2: De São Francisco também.

E2: Na sua infância, nada?

R: Não, nunca vi, na minha terra não vi.

E2: Mas você na teve, na sua prática médica você teve oportunidade de sentir medo?

R: Medo não, não. Nunca tive medo de pegar infecção nenhuma... (tem uma pessoa de voz masculina que conversa o tempo todo, fazendo fundo ao que fala o Luiz Carlos – Não transcrevi, pois na maioria das vezes, está mantendo conversa paralela apenas. Ficando confuso transcrever. E às vezes também fica muito baixo.) Nunca tive... Eu acho que talvez porque a gente convivia muito com paciente quando era estudante, nunca tive medo de pegar doença nenhuma.

E2: Você já operou gente com hanseníase?

R: Já, mas curada. Operei de outro problema.

E2: A cirurgia de reabilitação de hanseníase é muito interessante. Porque você pode liberar um nervo aqui da goteira e tirar o corticóide dele, porque muitas vezes a neurite crônica é por conta de um nervo espessado passando aqui na goteira...

R: A bainha pega e prende... (falam juntos).

E2: Então se você tira a goteira e traz aqui para fora, você já produz uma melhora incrível, às vezes até tira o corticóide do indivíduo. A outra cirurgia você pode fazer a liberação também de (nome) posterior, ali também tem um ligamento e é um complexo neuro vascular, então você melhora a circulação também então pode ajudar na melhora de um mal perfurante plantar. É muito interessante...

R: Qual é o... Onde é que fica?

E2: Aqui no (inaudível) posterior...

R: Ah, no (inaudível) posterior. Ta.

E2: Também no fibular. Mas mais importante... Túnel do carpo... Hanseníase pode produzir... Ela é um diagnóstico diferencial pro túnel do carpo, mas também pode produzir túnel do carpo, porque o mediano espessado. Hanseníase também pode fazer túnel do carpo.

R: Túnel do carpo é muito comum.

E2: É. Então túnel do carpo também.

R: Operei bastante.

E2: São cirurgias simples. Agora, a cirurgia mais complexa é quando o cara tem a diminuição da força motora e você tem que fazer a transferência do tendão. Porque a cirurgia de mão é delicada...

R: É o quiasma de camper, que é muito difícil operar a mão.

E2: É.

R: Por causa de que o superficial e o profundo eles passam assim ó, um passa por dentro do outro, chama-se quiasma de camper que o profundo fica superficial, eles se cruzam, não é?

E2: Mas é...

R: É o quiasma. O quiasma...

E2: No caso não se fala muito de cirurgia de reabilitação de hanseníase, mas pode melhorar muito a vida do indivíduo. Um indivíduo que pega um copo plástico e ele amassa o copo porque ele tem uma garra e ele pega assim, se você o pouco que libera permite que ele faça o estiramento.

R: Melhora, não é?

E2: A função dele vai melhorar muito.

R: A fisioterapia mesmo o paciente sempre pergunta: “Doutor, eu vou ficar curado?” Eu digo: “Você pode não ficar curado, mas você pode melhorar”. Só de melhorar já é bom, não é não? Imagina uma coisa que você melhore.

E2: É.

R: Eu acho que uma vez que você alivie o sofrimento e você melhore, já fez uma grande coisa. A cura é um negócio meio... Inclusive eu acho que tratamento tem que ser individualizado. Hoje eu estou muito pautado em diagnóstico, não estou mais médico curativo não, estou mais médico para diagnóstico; tanto que eu estou mudando a minha diretriz, inclusive a minha empresa. Vou parar de internar, de operar, vou acabar com a clínica, com a casa de saúde. Eu estou operando agora um caso ou outro de um paciente, que é meu paciente não sei quantos anos, me procura, porque eu nem estou nem querendo mexer com isso mais. Meu negócio agora vai ser diagnóstico, imagem, e o tratamento você escolhe. Porque, por exemplo, você tem que individualizar. Ela, ela não come carne, por exemplo, não gosta, um monte de coisa, então ela tem um tipo de organismo diferente do sujeito, por exemplo, que é extremamente carnívoro, como tem em Barrolândia mesmo o pessoal come carne, carne... Só come carne.

R2: Ela se assustou de ver tanto açougue. (risos)

R: Come carne.

R2: Mas que peixaria, você vê uma peixaria...

E: É. E carne de sol.

R: E tem pescador que come carne, não come peixe. O pescador quando faz um rancho para ir para o mar ele não come peixe, eles só comem carne.

E: Nossa!

E2: Carne de sol.

R: E outra coisa, um detalhe, eles comem carne assim, meio quilo de carne em cada refeição. Você não vê...

E: Que horror!

R: O ideal da carne é 400 gramas por semana o máximo, por adulto. Um adulto pode comer sem ter o metabolismo das purinas, sem ter as purinas em excesso no organismo 400 gramas por semana. Aqui o Baiano Belmontense.

E2: O baiano come muita carne.

R: O baiano Belmontense então ele gosta muito de carne...

E: Engraçado, porque nascido na beira do rio.

R: Mas eles não têm hábito de comer peixe.

E: Não tem a cultura, não é?

R: Porque eles acham que o peixe, por exemplo, tem uma semana lá em casa que só rola peixe, a empregada fica: “Doutor, olha, não dá para a gente fazer uma carinhinha não?” Eu falei: “Por quê?” “Não, é que eu estou me sentindo fraca, eu acho que o peixe não me alimenta”.

E2: Eles acham que o peixe não alimenta.

R: Acha que peixe não alimenta. Eu falei assim: “O peixe tem... A proteína mais pura que existe é a peixe, o próprio arcabouço protéico da proteína do peixe ele é diferente”, ele é muito mais fácil de quebrar aquele arcabouço, tanto que o peixe quando congela ele já muda a característica justamente porque quebra aquele arcabouço protéico da constituição da carne do peixe. Fica difícil. Sim.

E: Quando ele veio... Quando você veio para cá para cidade, você falou que está aqui há 30 anos, não é?

R: É. 31 anos incluindo Porto Seguro, não é?

E: 31 anos. Incluindo Porto Seguro.

R: Incluindo Porto Seguro.

R: Mas aqui em Belmonte você está...

R: 28, vou fazer 29 anos.

E: Pois é, quando você chegou aqui como que era a cidade? Era muito menor que hoje, era maior, tinha menos pessoas? Em relação ao desenvolvimento da cidade... (falam juntos)

E2: Em relação a... Porque já era decadente, ainda tinha o cacau?

R: Tinha.

E2: Ainda tinha o cacau?

E: Tinha.

R: Tinha. Vim para cá em 81, o cacau deu... o deblaque do cacau foi em 1990 e...

E: Final dos anos 90.

R: 92 por aí, 94. Até 1995 ainda estava uma fase boa.

E: Sim.

R: Em 94, 95, até 2000 quando acabou tudo.

E: E nesse período que você chegou até aqui como era a economia da cidade, o desenvolvimento?

R: Ah, Belmonte era a cidade mais rica da região toda! Inclusive...

E: Da região que você está falando aqui de Porto Seguro...

R: Da região inteira.

E2: Incluindo Porto Seguro.

R: Bom, em 1990 o gerente do banco aqui, o Gervásio, teve uma reunião com o pessoal da cidade que tem empresa para poder financiar alguma coisa para quem quisesse e tal, e ele estava pedindo para financiar, que ele falou para todos os empresários da cidade que Belmonte tinha o maior depósito á vista e à prazo da Bahia inteira. Só perdia para Camaçari e para Salvador.

E: Nossa!

R: E para... Aquela cidade que é próxima?

E: Itabuna, não?

R: De Salvador...

E2: Feira de Santana.

R: Feira de Santana. Só perdia para Salvador, Feira de Santana e Camaçari. E as demais cidades todas tinham depósito a vista e a prazo menor do que de Belmonte. Você vê que era uma cidade rica. Uma cidade...

E: Certo.

E2: Tinha outros bancos?

R: Tinha dois bancos, tinha o Banco Econômico e o Banco do Brasil.

E2: O Banco Econômico é aquele que faliu, não é?

R: Ele não faliu o Banco Econômico, não é? O Banco Econômico...

E: Faliram com ele porque...

R: Foi um negócio que ele pegou o dinheiro todo e aplicou em outra coisa e deixou o banco quebrar e botou a culpa no governo, botou a conta para o país pagar.

E: E como que era a cidade Luis? Assim, vida cultural... Você falou que ainda pegou avião aqui, não é isso?

R: É. Tinha uma linha aérea, que é a Nordeste Linhas Aéreas, e tinha linha particular também. O Benedito tinha três aviões.

E: Quem é o Benedito?

R: Itambrósio da Silva. Mora em Salvador e voa até hoje pela Abaeté Taxi Aéreo, ele voa até hoje. Ele deve ter uns 79 anos, por aí, 80.

E: Mas ele é daqui? Não.

R: Ele é de Ilhéus.

E: Ah ta!

R: Mas ele morava aqui.

E: Certo.

R: Ele tinha três aviões.

E: Ele tinha três aviões?

R: Três aviões, e fazenda de cacau e gado.

E: E fazenda de cacau, não é? E gado.

R: É. Tinha três aviões, mas a profissão básica dele é piloto, com a profissão de piloto ele comprou as fazendas.

E: Olha só.

R: Mas ele sempre foi piloto. Aliás, um piloto, o melhor piloto da Bahia.

E2: Então você chegou a voar por essa empresa aqui.

R: Eu voava muito, porque aqui em Canavieiras na época, que é muito próximo de Belmonte, é a 17 quilômetros daqui, mas nunca teve estrada, não é? Ou vai por canais de mangue, pra você ir pelo mar, de lanchinha rápida, ou de avião.

E: Pouco tempo.

R: Como Canavieiras não tinha cirurgião, eu operava em Canavieiras e aqui, o avião vinha me pegar aqui, levava e eu operava assim... Naquela época eu tinha assim um furor cirúrgico. (risos) Sabe o que é esse furor cirúrgico ainda? (rindo) Furor cirúrgico. Eu operava 20 pacientes por dia.

E: Nossa!

R: Começava a operar de manhã e virava o dia e acabava duas horas da manhã. Eu ia para Canavieiras, operava, operava, operava depois pegava o avião e voltava para cá que eu tinha uma clínica particular aqui. E eu operava no hospital público, primeiro operava no hospital público. Só que uma parte era particular, que naquela época antes do SUS a gente podia operar no hospital da prefeitura particular, então a gente operava particular...

E2: Quem podia pagar pagava...

R: Quem podia pagar pagava, quem não podia a prefeitura pagava e operava de graça, entendeu? A gente socializava da nossa forma a coisa, não é? Então eu trabalhei em Canavieiras muito tempo, viajava de avião particular. Tinha um avião... Benedito tinha um avião, tinha também o Demóstenes, que é meu compadre que tinha dois aviões, tinha o Vanderlei que tinha um bimotor e um monomotor, e tinha o seu Alberto... Alberto, pai do Paulo.

E2: Porque é interessante porque Belmonte...

R: Alberto tinha também mais um avião. Aliás, não era dele, mas ele pilotava...

E2: Porque Belmonte é uma cidade só tem uma saída porque ela tem rio e mar e aquela ponta...

R: Não existia estrada nenhuma. Daqui a Eunápolis era uma viagem, uma semana; daqui a Itapebi era três dias.

R2: Sim, mas todo mundo andava de avião.

R: Andava de Avião, barco ou a pé...

E2: Mas naquela época as pessoas tinham dinheiro para andar de avião.

R2: Muito.

R: Mas foi antes de mim. Antes de mim...

R2: Antes de você.

R: Tinha a Companhia Baiana de Navegação que ela saía de Salvador, ela parava em Camamu...

E: Baía de Camamu...

R: De Camamu ela vinha para Ilhéus, de Ilhéus, Canavieiras, Belmonte, Caravelas e voltava. Então toda economia era pautada na economia baiana. Naquela época tinha a Paner e Cruzeiro do Sul, que eu não alcancei também, não é? Mas o aeroporto aqui era pleno movimento. Tinha linha aérea...

E: Sadia?

R2: Era a Pan Air... Aerolineas... Eram três ou quatro... Ideal, Pan Air, Aerolineas... Não, a Sadia é nova. A Sadia é coisa...

E2: A Sadia é nova. A Cruzeiro do Sul que foi comprada pela Varig, não é?

R: Depois.

E2: É depois. Que tinha em Nanuque, a Cruzeiro do Sul, igualzinho a esse prédio aqui tinha, tinha um prédio... (falam juntos)

R: Em Nanuque, quando eu ia para Belo Horizonte saía de Belmonte, Porto Seguro, Caravelas, e Nanuque, trocava de avião (inaudível).

E: É.

R2: Na Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos construiu todos esses prédios de...

E: De aeroportos.

R: De Aeroportos no Brasil.

E: Por isso que eles têm a mesma arquitetura.

E2: Os daqui?

R: Não, todos. São todos iguais no Brasil inteiro. Aquele arco.

E: Aquele arco, exatamente.

R: Meu tio foi brigadeiro, cassado na revolução e ele era engenheiro da aeronáutica...

R2: Revolução não, golpe de estado.

R: É, foi golpe de estado. E ele explicava isso para gente, contava isso para gente: quando na segunda guerra mundial os americanos fizeram aeroportos... Eles faziam aeroportos com uma rapidez imensa, muito rápido...

E2: Em vários pontos do Brasil, a base aérea era no Nordeste, não é?

R: Depois começou a você vê, você vê em filmes americanos antigos tem toda essa arquitetura, aqueles arcos são todos iguais, Água Santa era assim, aqui eu vi assim, eu vi...

R2: Caravelas...

R: Caravelas era assim.

E2: Era a base, não é? A base americana... Tem um estado...

R: Natal. Natal era americana...

E2: Tinha a base de Natal.

R: Natal era americana. Eles fizeram rapidinho, eles faziam uma pista em três dias estava pronta. Eles eram rápidos.

E: Nossa!

E2: Eu vi um lugar que teve uma base americana importante...

R: Arraial da Ajuda tinha...

E: É. Ajuda tinha...

E2: ...Interessante na Bahia. Em que lugar da Bahia que tem uma base americana?

R: Maragogipe...

E2: Tem um lugar na Bahia que eu vi um aeroporto que foi uma base americana...

E: Maragogi é Alagoas, não é?

E2: Não, não...

R: Maragogipe é Bahia.

E2: Tem Bahia também.

R: Nós éramos... (falam juntos)

E: Ah, Maragogi que é Alagoas.

R: Maragogi tem...

E2: Tem um lugar que tem aeroporto...

E: Alagoas é Maragogi.

E: Você sabe aonde é? Sabe aonde é? É aquele lugar que é divisa com Pernambuco, tenho impressão que é, Petrolina, Juazeiro.

R: Juazeiro.

E2: É Juazeiro.

R: Pode ser Juazeiro. Se você olhar para eles são muito... Se não mexeram são muito parecidos.

E: Arquitetura é muito similar.

R: São muito semelhantes.

E: E...

R: Com projeto pronto, vinha rapidinho construía.

E2: Vocês falaram também que apesar de estar aqui há tantos anos, vocês dois, vocês ainda sentem essa questão da aristocracia aqui, que existe...

R: Não é isso não, é um pouco de xenofobia, talvez... Eu entendo assim, como eles ficaram muito tempo isolados, que você não tinha contato por estrada, nem... Ou era pelo ar quem tinha condição...

E: Ar e mar...

R: E mar quem tinha condições também.

E: Isso. Ou seja....

R: Então qualquer pessoa que viessem aqui que não fossem das famílias daqui... Eram vistas como estrangeiras.

R2: Porque as famílias não moravam aqui, eles moravam fora.

R: É.

E: Vinham aqui nas safras, nas festas, no verão.

E2: Moravam muito em Salvador?

R: Não, moravam em Paris.

R2: Rio.

E2: Ham?

R: Moravam em Paris.

E: É? (risos)

R: Moravam em Paris.

E2: Tinha gente entre aqui que os filhos estudaram na Europa?

R2: Teve. Todos...

E2: É?

E: Estudavam na Europa?

R: Eles tinham apartamento no Rio...

R2: Rio.

R: Salvador...

R2: Salvador e Paris.

R: E fora do Brasil.

R2: Fora do Brasil. Na Europa. Ganhavam muito dinheiro.

R: Não, a influência mais era mais Suíça.

R2: Suíça também, não é?

R: Era Suíça.

E2: Tem alguns desses descendentes que voltaram, que vocês têm convívio com eles aqui, dessas pessoas dessas famílias, que voltaram para cá depois dessa decadência...

E: Que ainda possam estar na cidade...

R: Dessa turma? Eu acho que não, porque... É, para não gravar... (risos) Tinha um ou outro, não é? É um que mais pode assemelhar, é o Valdomiro Melo. Ele tinha talvez... Que era o mais rico...

E: Quem é o Valdomiro?

R: Era o mais rico. É o que é o Secretário da Agricultura daqui.

R2: Da agricultura local.

E: Hoje?

E2: Que idade ele tem?

R: O Valdoca deve ter que idade? É da minha turma, deve ter uns 60 e pouco, 65.

E2: E ele é filho daqui?

R: Ele é. Quer dizer, ele é de Itapebi, mas Itapebi era Belmonte antigamente. Bom, Itagimirim era Belmonte, Itapebi...

R2: Tinha fazendas.

R: Belmonte faz divisa com Minas.

E: Ah!

E2: Belmonte era um município maior.

R: Maior.

E2: Aí foram emancipando esses municípios.

E: É.

R: Dos maiores que existia na época. Então, por exemplo, Itapebi tornou-se cidade, Itagimirim também.

E2: Ah, então também era um município maior, não é?

R: Era muito maior. Fazia divisa com Minas. Faz divisa com Salto da Divisa, Belmonte.

E2: Ah, eu fui em Salto da Divisa.

R: É. Faz divisa com Salto da Divisa...

R2: É. Belmonte ia até lá.

R: Então aqui tinha três famílias na época que eles eram suíços. Então era o seu Martim Herta Aguiar... ?Helta?...

E2: Ah, a família ?Helta? tem em Nanuque. Família ?Helta? é vizinha, eu conheço essa família ?Helta?

R: Aguiar ?Helter?, Martim ?Reter? Tinha Gildeberg... Eram três famílias suíças. Inclusive o cacau antigamente era exportado direto para a Suíça. Depois que o Brasil teve o cacau inferior ao plantado na Costa do Marfim, que as mudas saíram da Amazônia, foram para a Costa do Marfim, que a Suíça parou de comprar cacau do Brasil e passou a comprar na Costa do Marfim.

E: Chocolate Suíço...

R: Por dois motivos: primeiro pela qualidade...

R2: E logística.

R: Segundo pela proximidade.

E: É verdade.

R: Então tinha aqui a Gildeberg, que era uma empresa de cacau...

E: O seu Elias ontem falou dessa empresa.

E2: (falamos TODOS juntos). Aquela casa bonita que nós fotografamos era suíça...

R: Aquela grande?

E: É. (Falamos TODOS juntos)

R: Inclusive o seu Martins Herter era muito amigo meu... (falamos TODOS juntos)

E: Barra Funda era dos ?Herter? também?

R: Usava o depósito dela. O Martins usa o depósito dela. (rindo) Era muito amigo meu e meu paciente, o Marcelo Martins, (nome) ?Herter?

E: É.

R: A Bia Aguiar, era paciente minha. Era minha amiga e minha paciente, inclusive eu fiquei na Suíça na casa dela, uma época que eu fui pra Suíça...

E2: Ela tem casa na Suíça?

R: Ela já morreu, não é?

R2: Morreu.

E: Mas tinha casa na Suíça?

R: Tinha um apartamento em Berna.

E2: Você chegou a ir lá.

R: Fiquei no apartamento dela em Berna uma época...

E2: E foi através do conhecimento daqui?

R: Daqui porque eu era médico dela, às vezes ela ficava doente, ela estava em Salvador, eu ia lá em Salvador, (rindo) para consultar a dona Bia. Saía daqui... como que era diferente, não é? Saía daqui para consultar um paciente em Salvador...

R2: Era um casarão... Porque era diferente...

E2: A paciente rica você podia fazer isso. (risos)

E: (risos)

E2: Então quer dizer que aqui então essas pessoas... Mas assim, eles eram estrangeiros que vieram para cá, mas eu estou falando de brasileiros baianos que tinham dinheiro e também tinham uma vida que extrapolava...

R: Não moravam aqui. Não moravam aqui, eles moravam no Rio de Janeiro, ou Salvador...

R2: Por causa da escola...

R: Ou em Salvador, em São Paulo, ou fora do país. Eles não moravam realmente aqui não.

R2: Vinha aqui, tinham casas aqui, frequentavam as casas...

E2: Só que na verdade...

E: Tinha posses, fazendas, mas não moravam aqui...

R: Só vinham na época de festa, não é?

R2: Nas festas e na safra, não é? Para ver a safra.

E2: Então eu posso dizer assim, que...

R: Era uma cidade muito rica.

E2: Era uma cidade rica, mas em que a riqueza dessas pessoas se traduziu em riqueza para a cidade, entendeu?

R: Ela tinha uma riqueza cultural, não é?

E2: Mas assim, o que ficou para a cidade?

R: Eu acho que o casario, não é?

R2: O casario.

E2: Só casario.

E: A arquitetura mesmo.

R: A arquitetura.

E: É.

E2: Porque... (fala junto)

R: O maior legado talvez seja arquitetônico.

E2: Sabe por quê? Os filhos estudavam fora então eles não se importavam com a escola aqui...

R: Mas a escola era boa antigamente.

E2: Era?

R: Era básico...

E: Mesmo não sendo a clientela... (falam TODOS juntos) .

R2: A escola era boa.

E2: Mas vocês acham que...

R: Não comparado com Minas. Por exemplo, Minas até hoje no interior...

E: Se eles ficassem aqui com certeza poderia ser melhor...

R: Depois estudei em Aimorés até o curso secundário, até o ginásio, não é? Como chamava antigamente. O Frei Afonso Maria Jordão onde eu estudei em Aimorés até hoje é considerada a melhor escola pública de nível secundário de Minas por várias vezes...

R2: Já ouvi falar.

R: Aimorés é um... Em Minas ainda tem escola boa no interior, mas na Bahia não tem mais. A escola aqui hoje é péssima. Para você ter uma idéia, a minha neta vai ter que fazer o pré-primário, alfabetização em Porto Seguro. Até a alfabetização aqui é ruim hoje.

E: Nossa!

R: Começa do básico, hoje a alfabetização é ruim.

E2: Quer dizer, não houve investimento...

R: Não.

E2: O município não tinha impostos? O que foi feito desses impostos? Por que não tem uma saúde pública aqui consistente?

E: Mas será que na época você tinha essa...

E2: As pessoas que pagavam, não pagavam impostos?

E: ...Essa coisa do imposto ficar no lugar? Não sei, de repente essa coisa é mais recente.

R2: O cacau era...

R: O problema todo aqui é que o... Quem estudava aqui eram os filhos dos empregados, não eram os filhos deles.

E: É.

R: Eles nem moravam aqui.

E2: Quem ia na saúde pública era o filho do empregado.

R: Era o filho do empregado...

R2: Que usavam.

R: Alguns ou outros que moravam aqui é que tinham um atendimento particular. Quando eu vim para cá, que eu falei em montar a clínica particular foi motivo de risada, eles riam de mim: “Clínica particular num lugar quem nem esse?” Eu falei: “Por quê?” “Não, quem tem dinheiro vai embora se tratar em Salvador, no Rio de Janeiro e quem não tem procura o serviço público”. Eu falei assim: “E o intermediário, o sujeito de classe média? Que ele não quer depender do patrão, ele tem o próprio negócio dele, ele não é serviço público porque tem condição de pagar”. “Ah, mas tem muito pouca gente”. “Sim, mas um dia pode ser maior”. O que acontece hoje? Hoje quem tem comércio na cidade são os empregados dos fazendeiros que fizeram... Os fazendeiros quando se viram falidos e devendo muito...

R2: Indenizaram eles com as terras. (falam juntos)

R: Eles pegaram indenizaram com a terra ou fizeram... (reflexivo) Como que chama? Parceria...

R2: Parceria.

E2: Meeira. Meeira.

R: Meeiro.

E2: É. Meeira.

R: Quem é que mora na cidade hoje? São o comércio, a cidade e tudo hoje...

R2: O comércio da cidade hoje é ex-empregado...

R: Hoje a cidade de Belmonte cresce hoje...

R2: À sombra do cacau.

R: Belmonte hoje cresce que você não tem idéia. Por quê? Primeiro, esse pequeno comércio dos meeiros...

R2: (fala junto)

R: Segundo, com pessoal que já mudou daqui quando teve uma grande enchente em 64 que levou uma parte da cidade, depois a enchente de 79, aquela grande enchente de 79 no Sudeste, inclusive a minha cidade Aimorés, que levou... Aimorés ficou debaixo de água, o vale do Rio Doce todo. Aquela época botou um monte de gente para ir embora daqui, porque Belmonte não tinha mais oportunidade e metade da cidade foi embora debaixo da enchente. O que aconteceu? O pessoal foi para Salvador, para Belo Horizonte, São Paulo, principalmente o Rio de Janeiro. Com a violência da cidade grande está havendo uma volta...

E: Hum, hum. Das pessoas para cá.

R2: Estão voltando.

R: Um retorno de quem é daqui e foi para fora. Se aposenta, ou reúne um dinheiro para montar um negócio aqui. Então a cidade está se reerguendo...

E2: Está se reerguendo.

E: É.

R: Está ressurgindo com uma nova classe média...

R2: Com a nova estrutura...

R: Com a nova estrutura econômica.

E: Com a nova estrutura econômica. Não é?

R: E além de tudo os programas sociais do governo hoje, não é? Tirou muita gente da pobreza...

E: É verdade.

R: Para poder pelo menos o sujeito ser classe D ou C, mas saiu da pobreza. Mesmo que o programa não seja correto, a visão. Porque você dá sem retorno é errado...

R2: O Bolsa Família, não é?

R: Eu acho que o Bolsa família devia que ser uma coisa para 4, 5, 6 anos, posicionar o indivíduo socialmente no emprego e tal e depois tirar aquilo, mas não aconteceu isso por causa da nossa política atual que eu acho que...

E2: A eleição primeiro.

R: Eu acho que é uma excrescência, não é? Eu particularmente acho uma excrescência, mas de qualquer forma tirou muita gente da pobreza, não é?

E2: É de qualquer forma tirou.

R: Tem uma... É importante.

E2: Antes de falar com vocês nós estivemos com uma família que nos deixou muito impressionada. O seu Herculano...

R: José Herculano White Magnavita.

E: Magnavita. Exatamente.

E2: Então, o seu Herculano...

R: A família Magnavita, uma família italiana que veio para cá no início do século XIX.

R2: Miguel Magnavita. Tem a casa Miguel Magnavita.

R: Final do século XIX, 1800 e... 1860 por aí...

R2: Eles vieram da Itália.

R: Foi a família que começou... Eles eram do norte da Itália, muito pobres, mas eles começaram a dominar a cidade pelo trabalho todo, e no final se tornou uma das famílias mais ricas da região, Magnavita, que a pronúncia é manhavita, não é?

E: Manhavita.

R: É a pronúncia correta. Tinha outra família também de alemães, Miller, que era uma família muito rica aqui. Então tinha de um lado... Tanto que tem a praça dos gringos. Vocês já foram a praça do gringos?

E: Não sei se eu já passei...

R: É a praça mais linda daqui, que as casinhas são pequeninhas assim... Ah! vocês têm que... Ah, vamos levar elas lá!

E2: Aonde que é essa pracinha?

R: Agora é hora de fazer foto porque agora o sol está batendo de frente agora é hora ótima...

E2: Aonde que é essa pracinha dos gringos.

E: Será que a gente já passou?

R: Então ali...

R2: É bem do lado...

R: O primeiro prédio com elevador em Belmonte foi do Magnavita.

E: Não é onde tem aquele corretinho?

R: Não, não é aquele de ferro não.

E2: Não.

R2: É outro. É no fim daquela rua.

R: ... (falam juntos) da praia, vira para direita. Então tinha a sede do Correio. Magnavita que tinha um prédio de três andares com elevador, não sei mais o que, tinha os Miller que são esses...

E: Os Trocoli?

R: Os Trocoli, que também são italianos que vieram para cá. Teve a influência dos suíços e teve a família que hoje (inaudível) que são os...

R2: São os compradores...

R: (falam juntos) Que são os gringos que chamavam... (falam juntos).

E: Eram intermediários na verdade.

R: Depois que eles compraram as fazendas. Depois veio a praga, depois veio a praga.

R2: Os mineiros. (Risos de todos)

R: Os mineirinhos.

E2: Mas em São José, eu fiquei muito impressionada com eles...

R: Porque mineiro é igual praga, dá em qualquer lugar, você sabe.

E: É. (risos)

E2: Meu estado foi tomado.

R: Tem duas pragas no Brasil: é cearense e mineiro...

E2: É.

R: Dá em qualquer lugar.

E: Em tudo quanto é lugar que você vai tem um.

E2: É verdade.

R: Não, lá na clínica tem três.

E: O seu próprio cozinheiro...

R: O terapeuta da clínica é mineiro, o farmacêutico da clínica é mineiro.

E2: É verdade. Tem mineiro em todo lugar. Mas deixa eu te falar, mas eu fiquei muito impressionada com o seu José, é uma pessoa muito sofrida.

E: O seu José, não é?

E2: É uma pessoa muito sofrida.

R: O Elias José Elias?

E2: Não, não.

E: Não, o José Herculano.

R: José Herculano?

R2: O José Herculano.

R: Sofrido de que?

E2: Isso que eu estou querendo falar. Ele me pareceu o seguinte, ele está... Ele teve AVC, não é?

R: Sim, mas nunca trabalhou.

E2: É?

R: É.

R2: Foi explorador, só explorava.

R: Ele é extrativista, é cacaocultor.

R: Recebeu da família... Recebeu da família uma ampla região, ampla área de piaçava.

E2: Ham! Ele falou que a família...

R2: (fala junto) no Brasil...

R: Mais da metade da fazenda nunca foi legalizada.

R2: (falam todos juntos)

E2: Ah, ele falou que a fazenda foi tomada pelo MST.

R: Sim, sim. Mas aquela parte que foi invadida ele não tinha um documento.

E2: Ele falou que tudo tinha documento, falou para gente.

R: Mentira, ele nunca documentou.

E2: Sério?

R: É.

E2: Que falaram que são três irmãos.

R: Sim, a mãe dele... É um matriarcado.

E: Tem até um matriarcado aqui. (risos)

E2: Olha as visões diferentes, a triangulação...

E: É. É muito interessante.

E2: Fala aí. Nós quase choramos com ele. (Risos de todos)

R: Ah!

R2: Você chorou com aquele cara?

R2: Não, não.

R: Não, ele é envolvente, ele é envolvente.

R2: Não, eu gosto muito dele...

E2: Não, mas ele chorou, ele chorou.

R2: Lógico, ele dá esse azar no fim da vida, tem que chorar mesmo, porra!

E2: Com a família, com a fazenda invadida.

R: Não, entenda bem. Ali é o seguinte: a fazenda era do pai da mãe dele, o pai morreu ficou da mãe. E ele e mais dois irmãos, os irmãos não moravam aqui, ele que administrava. Eles nunca fizeram cerca na fazenda, nunca fizeram uma sede na fazenda...

E2: Então não investiram na fazenda

R: Nunca legalizaram metade da fazenda.

E2: Ela falou que ela tinha 10 empregados.

R: Nunca pagou, nunca pagou o INCRA da fazenda, nunca pagou o imposto federal, nem municipal, nem estadual, nunca registrou os empregados, inclusive os empregados deles que invadiram....

E2: Todos que invadiram, todos.

E: É?

R: Todos que invadiram. Os empregados todos complicados que ele nunca pagou um centavo de previdência para empregado...

R2: A solução foi isso aí.

R: Então o empregado dele sempre foi subempregado, ele sempre viveu de extrativismo, nunca bateu um prego na vida.

E: Nossa!

E2: Então aquele negócio que ele falou que os próprios vizinhos fizeram é porque era gente que ele não pagou direito...

E: É.

E2: Talvez até empregado dele mesmo.

R2: Quem invadiu ele foi empregado.

R: Quem invadiu ele, foram os empregados.

E: Exatamente.

R: Que foram ao MST e fizeram o trabalho. O MST não são bobos, bem equipados, têm tudo, advogados e tal. Eu vi o requerimento.

R2: Vocês estão tendo uma visão diferente da coisa, não é?

E2: É.

R: Eu fui lá, conheci a fazenda... (falam TODOS juntos). O Herculano o filho dele é muito meu amigo.

E: Sei.

R: Ele chorando, contando a história.

R2: Mas a gente sabe isso aí. É diferente.

E: É diferente.

R: Existe uma área que é regulamentada.

E: A área que é regulamentada ninguém entrou?

R: Ninguém entrou na área regulamentada.

E2: Ninguém entrou.

E: Entraram na outra área.

R: Pelo menos não tem uma sede lá. (falam TODOS juntos)

E2: É por isso que eu falei, é preciso investigar...

E: É claro. Uma coisa é investimento, outra é extrativismo. Você quer ver, veio um mineiro, veio um senhor aqui de Minas para dar uma palestra aqui no sindicato rural...

E: Ainda tem aqui?

R: Para explicar... (Interrupção)

E2: Que o MST tem erros, a gente sabe que tem erros...

R: Como funciona a fazenda em Minas.

R2: Essa é a partida para acabar com essa confusão.

R: Como que é a fazenda em Minas. O sujeito tem uma pequena área em Minas. Vamos supor 200 hectares que não é uma fazenda grande, 200 hectares é um negócio pequeno. Nesses 200 hectares ele cria vaca, tira leite, faz queijo e faz manteiga. Num pedacinho ele planta feijão.

R2: Café.

R: Noutro pedacinho ele planta uns pezinhos de café, no outro pedaço ele tem cana de açúcar, tem um enghozinho pequenininho que ele toca com a mula.

R2: Só importa o Sal. (risos)

R: Lá ele produz o açúcar, produz a cachaça, ele produz a carne de porco, a carne de boi, o leite, o queijo.

E2: É.

R: Ele planta arroz, a várzea baixinha e planta feijão.

E: É.

R: Aí ele planta milho, ele faz o angu...

R2: Ele fabrica...

R: Ele faz o alimento para vaca que produz o leite quando ela está com bezerro. Ele planta uns pés de anapiê que é aquele capim que parece uma cana para fazer uma ração. Ele tem ali um monjolo que ele bate o troço, ele tem...

R2: Faz igual. Só o Sal, só importa o Sal.

R: O sujeito tem uma economia...

R2: Só importa o Sal.

R: Ele tem... Isso é verdade, que dentro da fazenda ele tem uma microeconomia onde ele é auto sustentável. Aqui uma vez, quando eu vim para cá, logo que eu vim para Belmonte eu examinei uma criança eu falei: “Minha senhora, a senhora mora aonde?” “Moro aqui na beira do rio. Pois é, qual é o problema do meu filho?” “Não, o seu filho está com problema de vitamina A, está com a pele seca, cabelo quebradiço e tal...” Era um nenenzinho de uns 3 anos e pouco. “E vitamina A como é que eu consigo”. “Bom, a senhora pode dar inicialmente esse remédio aqui, mas depois a senhora tem que manter uma...”

E: Alimentação, não é?

R: “Uma alimentação para que a senhora tenha aporte dessa vitamina”, “Onde eu encontro essa vitamina?” Ela estava interessada não é na abóbora, não é? (risos) tudo que for verde...

E: (risos)

R: Tudo que for amarelo, não é?

E: Amarelo.

R: Então abóbora, cenoura, tomate... “Ah, mas eu não posso dar isso não”. “Por quê?” “Porque eu moro na roça.” “A senhora acha que vem de onde isso?”

E: Da roça que vem.

R: “A senhora não pode plantar um pé de...”

E2: Você sabe que tem essa cultura do baiano, não é?

E: Que coisa, cara!

R: Não, eles não plantam nada.

E2: Nada.

R: Nada, nada, nada.

E: Não plantam nada.

E2: Eu viajei aqui...

R: É impressionante.

E: É impressionante, eles não plantam nada.

R: Eles não plantam. Ó, quando eu estava plantando aqui, os pés de coco ali, esses pés de coco ali de frente... Aqueles pés de coco. Isso aqui foi aterro, não é? Porque era um terreno baixinho, eu aterrei ali e aterrei aqui. Essa área aqui é toda minha, viu? Aí eu estava plantando

aqueles pés de coco aí o sujeito passou e falou assim: “Ô doutor, está fazendo o que?”
“Plantando pé de coco.” “Mas no brejo?!” (Risos de todos) “O senhor acha que coco vai dar
aí?” “Mas eu aterrei”. “Aterro não presta”.

E: Eta ferro!

R: Aí eu falei assim: “Então está bom, deixa para lá”.

E: Cresceu.

R: Eu tenho 4 ali, e deve ter mais uns 6 ali. Eu tenho 10 pés de coco. Eu tenho coco seco o ano
inteiro. Um já tinha, aquele grandão... Não, tinha 2. Eu tenho 12. 2 eu já tinha, eu plantei 10
pés. Desses 10 pés eu tomo coco verde, a água do coco direto. Quando você parar na minha
casa tem água de coco. Eu tenho o coco seco, não é? O coco que você tira para fazer doce,
para fazer moqueca baiana, etc. e tal, com 12 pés de coco.

E: Com 12 pés de coco.

R: Mas eu tenho alta produção, por quê? Eu adubo meus pés de coco...

E: Hum, hum. Eles produzem...

R: Eu faço rodízio, por exemplo, eu colho desse, depois eu colho do outro... Aí eu vou fazendo
rodízio entre eles e eu tenho coco o ano inteiro.

E: É.

R: O coco das culturas responde ao tratamento. Mas aqui a cultura é extrativista, aqui existe a
cultura extrativista. O sujeito quer plantar o que ele não colheu, inclusive quer colher o que o
bisavô dele plantou.

E: Ah!

E2: Então nesse caso aí que a gente...

R: Por exemplo, eu plantei pé de caju, o cara morreu de ir. Essas mudas de caju eu mandei vir
lá do Nordeste.

E: Enormes.

R: O híbrido, é o caju... A castanha... A castanha dele é um absurdo, é uma castanha desse
tamanho assim, a fruta é menor. O sujeito ficou gozando da minha cara. “Plantar caju em
Belmonte?”

E: Qual o problema?!

R: “Por quê?” Ele falou assim: “Não caju a gente colhe aqui lá para praia.” “Sim, e a praia não
tem dono?” “Tem, mas a gente colhe”. Falou: “O caju não tem dono”.

E: Ué!

R: O caju não tem dono, que o caju é uma planta da praia, o que tem na praia não tem dono”.
É concepção, é cultura.

E: É.

R2: Vou contar a verdade que eu estava doido para contar hoje de manhã quantos cacaús que eu colhi do meu pé lá, do meu híbridozinho?

R: Do híbrido ou daquele comum?

R2: Aquele grande, do grande, do meu pé lá do fundo.

R: Do híbrido?

R2: É. Quantos que eu colhi, quantas cabaças eu colhi hoje de manhã?

R: 30.

R2: 31 eu colhi semana passada. 92. Tirei retrato...

R: Cabaça hoje?

E: Mas de um pé?

R: De um pé.

E: De um pé?!

R2: Tirou retrato é coisa antiga rapaz, chama a fotografia hoje em dia. Porra!

R: (risos)

E: É. “Tirei retrato”. (risos)

R2: Retrato é coisa de antigo... (Risos de todos)

E: Que isso!

R2: (inaudível) na ponta. Hoje tira fotografia... (inaudível- confuso.)

E2: Aqui em Belmonte tinha muito português?

R: Italiano era mais.

E: É? Era mais italiano?

R: Era italiano, suíço, alemão, mas tinha também os portugueses, família Cruz, que é o pai do seu Alberto Cruz, não é?

R2: É.

R: O senhor Carlos Cruz que eu até cuidei dele no final da vida, viveu 90 anos. E mais também português tem...

R2: Guimarães...

R: Não, não tem. Andrade, a família Andrade.

R2: Guimarães também é português.

R: A família Andrade, a dona Cely, do Afrânio, do pessoal da... O pai delas é português. E o pai do Dona Carrila também, Carrila Cruz também é português...

R2: Aquela que mora lá...

R: Dona Carrila. Não, não. Carrila nasceu em Portugal ela, ela veio pro Brasil pequeninha. Ela é portuguesa também.

R2: É. Tem alguns portugueses.

R: Essa que é...

E2: É sua esposa... É sua filha?

R: É. (Interrupção)

E: Mas aí a gente estava falando das famílias portuguesas que tinham aqui, você falou dos...

R: Duas que eu me lembre, não é?

E: É.

R: Era mais italiano, não é?

R2: Mais italiano.

E2: E esses portugueses sabem tudo... Esses portugueses sabem tudo.

R: Era o Mega, Trocoli... Os Magnavita, Trocoli, Mega, mas tem outra também, italiana.

E2: Mas a Magnavita perdeu dinheiro...

R: Paternostro. Quatro famílias italianas.

E2: Quem eu conheci Paternostro? Eu conheci Paternostro.

R: Era Paternostro, Trocoli, Mega...

R2: E Magnavita.

R: E Magnavita.

E2: Paternostro foi para política...

R: Foi prefeito.

R2: (nome) Foi prefeito.

E2: Magnavita perdeu, eles ficaram pobres? A família Magnavita ficou pobre?

R: A maioria. A maioria.

E2: A fazenda ficou com esse senhor... O seu...

R: Ah, isso é uma ala dos Magnavita. A casa que eu comprei que foi do Miguel Magnavita, um dos primeiros a chegar... Eu conheci a dona Ilda, neta dele, filha, não é? Ilda é filha de Miguel, não é?

R2: Filha do Miguel.

R: Filha do Miguel Magnavita. Me impressionou muito que ela falou... "Ah, mas tem outra família Tosto. A casa que eu comprei é da família Tosto, também italiana..."

R2: Italiana também.

R: Tosto. Tem outra família italiano.

E2: Gente, como chegaram tantos italianos aqui?

R2: Foi muito italiano aqui, muito.

R: Muito, muito.

R2: Muito.

R: A arquitetura ainda tem muita coisa de Itália aqui, mas do que...

R2: O Rococó é italiano, (inaudível) foi italiano.

R2: Tem muita coisa da Itália.

R2: A casa que eu comprei é da família Tosto, a casa da clínica, eu comprei de Magnavita, mas da Magnavita o que tinha... Tinha o cacau, tinha as coisas, tem muito Magnavita ainda aqui. Tem o Ernesto na pousada que é Magnavita. A família Magnavita aqui enorme.

E2: Qual pousada, aquela pousada que nós estamos?

R: A Beira Rio.

E2: Ah!

E: É a Beira Rio.

E2: Aquilo lá é do Magnavita?

R: É,

E: Ah é?

R: É Magnavita. Pode ver que ele tem cara de italiano, é branquinho, a pele branquinha, cabelo moreno. Tem muito bons italianos aqui. E uma linha muito do sul da Itália, porque quando eu conheci a dona Ilda, me impressionou porque ela parecia muito com mamãe, de físico, ela era 20 anos mais nova, mais ou menos, me lembro mamãe. Eu falei: “De onde a senhora é da Itália?”

R2: É, Portini não é do seu pai não?

R: Não, da mamãe. Aí ela falou: “É de uma cidade chamada Paula”. Eu falei: “Pronto! Ó, ele é Paula, eu sou...”

R: Eu sou a pior coisa que existe, porque é mistura de holandês com italiano.

E2: Eu também. Eu sou...

R: Brum de Paula. “Não, eu vim lá de Paula.” “Então bota aí”.

E2: A minha família da minha mãe... (Interrupção)

R: Os telhados de taubilha, que a minha casa era de taubilha... Eu tinha que comprar as taubilhas dele porque não tinha taubilha...

R2: Taubilha, deve ser taubinha, não?

R: Não. Era taubilha que chamava, não sei se é taubinha... Taubilha, que é tábua.

E2: É tábua, deve ser taubilha.

R: É taubuinha.

E: Tabuazinha...

E2: Mas ele fala taubinha, porque falava tábua.

R: Taubilha, é tábua. Aí as tábuas eu comprava deles. Ah, aquele negócio da Barrolândia, comprou lá, os caras tomaram conta das terras dele, não fizeram nada, que seja um reflorestamento. Na estrada para Eunápolis, o lado direito, do lado direito tinha uma casa de azul...

R2: Eu não conseguia entender (inaudível) um corte grosso.

R: Tudo eles pintavam de azul...

E2: Acabou (inaudível).

R2: Acabou.

R: Pintavam de azul as casas. Vieram eles. Depois que veio o reflorestamento, que veio o negócio do eucalipto que pegou essas terras todas. (falam TODOS juntos)

R: Eles acabaram... Derrubaram no chão.

E: Nossa!

R: Eles mataram tudo, mataram tudo.

R2: Acabou a represa, que nos livros antigos...

E2: Já tinham acabado com tudo.

R: Em 65, 68 quando inauguraram a estrada (nome)

E: Já acabaram, já tinham acabado com tudo.

R: Então nós fizemos... (falam juntos o tempo todo – difícil transcrição) Lá, ela está falando que em Nanuque eles tiraram só o jacarandá e o coisa... Aqui tiraram tudo.

E: Tiraram tudo.

R: O Adero, o pau Brasil, foi embora. Ele fez... Não ficou nada.

R2: (inaudível) ele fez o engenheiro de robótica, ele estudou na França...

R: Depois a japonesa... (fala junto)

R2: Ele fez especialização e doutorado e ele se interessou muito por nossa árvore genealógica, não é? A mãe dele é irmão do meu pai, uma coisa assim... E seguir...

R2: (inaudível) Ele também explorava madeira.

R: E o (nome) esses anos todos tinha hora que quebrava, não conseguia ir para frente. Quebrava, não conseguia ir para frente. Aí um belo dia em tenho uma prima que mora em Belo Horizonte que é a... Ela é escritora e fotógrafa, Branca de Paula. Aí a Branca, que o pai dela é irmão do meu pai, que é irmã do Édson... E a Branca me telefonou, minha prima, me telefona de Belo Horizonte... excitadíssima de noite, eram 11 da noite... “O que foi Branca?” “Você não sabe da maior!”, eu falei “Que que foi Branca? Algum problema”, Não, não. Você

não sabe de nada, cara. Foram fazer uma escavação em Nanuque e a nossa família...Um amigo meu que o cara é... É paleontólogo que mexe com isso?

E: É.

R2: Paleontólogo.

R: Um paleontólogo escavando lá, ele é amigo meu de não sei a quanto tempo, está escrevendo um livro sobre esse achado que achou a nossa família em Nanuque”. Aí foi desvendar o que aconteceu. Como é que foi a história? Uma parte dos holandeses que vieram para o Brasil foram para Recife...

R2: (fala junto)

E2: Mas você sabe que esses nossos aqui, porque eu também sou daqui... (falam TODOS juntos) Eu não fiquei muito...

E: Wan Del Rey o sobre nome dela.

R: Ela tem todo o estereótipo holandês. *You too.* (risos)

E2: Mas você sabe que eu fui lá, eu fui lá em Carlos Chagas levar a minha mãe para ver a região...

R: Olha só se ela não tem carinha de holandesa.

E2: Eu fiquei com uma pena, eu fiquei com uma pena de colocar os holandeses naquele lugar, porque é um lugar tão inóspito, sabe? Um lugar seco.

R: Eu achei o lugar tão bonito!

E2: Carlos Chagas?

R: Antigamente não tinha aquele...

E: Não, mas não era á beira do Mucuri.

R: Ah tá!

E2: Eles ficaram lá num lugar com umas pedras, um lugar que não dava nem para fazer nada.

R: Que meu avô foi para Carlos Chagas... Quando eu era criança meu avô materno, não é paterno...

E2: O meu é materno.

R: Eu sou Brum por parte de pai.

E2: É, mas eu sou... O nosso é mãe.

R: Por parte de mãe eu não tenho o sobrenome da minha mãe.

E2: Mas você sabe que nós encontramos prima da minha mãe lá vivendo até hoje? Família Wan Der Mais, família Van Der... Van Der Rey que é a minha família.

R: Wan Del Rey.

E: Wan Der Rey.

E: Wan Del...

E2: Van com V, Der Rey, depois teve um erro lá.

E: Ah!

R: (inaudível) do Rey.

E2: Quando chegou no Espírito Santo houve um erro...

E: É, e ficou Van Del Rey

E2: É Van Der Rey, Van Der Mais, Família Junco e tem uma outra família que eu esqueci agora o nome.

R: Onde que é essa região? Você vê lá a colcha de retalho que é o Brasil.

E: É.

E2: Eles desceram aqui em Alcobaça: (Cantando): “Ponta de arreia...”

R: Então nossa história tem a ver, sua família veio junto com a minha. Agora vou (inaudível) como? (Risos)

E2: Deve ser... São os holandeses de Minas Gerais. (rindo)

R: Eu vou explicar como aconteceu isso. Então nós ficávamos intrigados...

(Interrupção – Leide demonstra preocupação porque o entrevistado tem que solucionar um problema da luz a pedido da esposa. Laurinda sugere encerrar e falam TODOS juntos)

E: Obrigada, vamos encerrar.